

APRESENTAÇÃO

DEBATES EM ETNOMUSICOLOGIA

Por sua amplitude e complexidade, o campo de pesquisas sobre a música é um dos mais desafiadores nas Humanidades. Atestam-no a heterogeneidade das disciplinas que se ocupam da música e a multiplicidade das frentes de interação que elas mantêm com outros ramos do saber.

Essa constatação está na raiz da idéia de dedicar alguns dos números de *Debates* a temas específicos. Coube-nos propor este volume reunindo trabalhos que retratam as incursões recentes de etnomusicólogos nas fronteiras empíricas de sua disciplina. Historicamente associada ao estudo das culturas musicais não-ocidentais e das sociedades tribais, a etnomusicologia manteve-se à distância das músicas populares urbanas e da música erudita do Ocidente. Há várias décadas, porém, temas como a indústria fonográfica e o mercado, os conservatórios, as orquestras sinfônicas e os estúdios de gravação impõem-se como temas de estudo. Tais incursões nas fronteiras são propícias à incorporação de conceitos da antropologia das sociedades modernas, dos estudos culturais de música popular, das sociologias da cultura e da música. Paralelamente, a chamada crise da representação e o conjunto de questões que integram a crítica pós-colonial à produção de conhecimento sobre outras culturas alcançaram, como não podia deixar de ser, o campo da música.

Assim, a reunião dos textos deste volume responde menos à necessidade de reafirmar um perfil disciplinar para a etnomusicologia do que ao desejo de compartilhar com os leitores e potenciais interlocutores os resultados dessas incursões nas fronteiras.

Elas são representadas aqui pelos trabalhos de Steven Feld, Louise Meintjes e José Alberto Salgado e Silva. Os três têm em comum o método etnográfico – aplicado respectivamente à circulação transnacional de fonogramas, à produção de um disco, na África do Sul, e à organização e prática de um grupo musical, no Rio de Janeiro. Cenários em que se alternavam, para os investigadores, diversos graus de familiaridade e estranhamento, em suas interações com músicos, produtores, empresários, jornalistas, e com seus próprios colegas.

O ensaio de Steven Feld integra uma corrente de reflexão etnomusicológica sobre o fenômeno da *world music*, que assumiu nos Estados Unidos e na

Europa proporções desconhecidas dos brasileiros. Mas é justamente a refração ‘nacional’ à categoria que pode motivar algumas indagações, entre nós, e tornar a leitura particularmente útil. As narrativas ansiosas e celebratórias que Feld observa (retomando as oposições entre apocalípticos e integrados) marcam a ambivalência dos estudiosos diante do fenômeno, sobretudo quando as gravações etnográficas, que imaginávamos opostas às vertentes comerciais da música, entram com força no rol das fontes sonoras disponíveis. Ambivalências análogas perpassam os discursos sobre música no Brasil. Numa passagem que se deve destacar, Feld nota que as trocas de acusações e defesas pelo uso da canção de ninar cantada por Afunakwa se passaram muito longe das Ilhas Salomão – ninguém sabe (ou pelo menos ninguém sabia) o que ela e sua comunidade pensavam de tudo aquilo, muito menos se as categorias do debate tinham qualquer pertinência nas Ilhas. O ensaio de Feld, publicado originalmente em *Public culture*, foi reimpresso numa coletânea de Arjun Appadurai, pela Duke University Press. Agradecemos a Steven Feld e à Duke University Press a autorização para publicar a tradução.

José Alberto Salgado e Silva contribui com as ‘Variações em torno do tema da gafieira’, apresentando parte das descobertas de sua tese de doutorado sobre carreiras de músicos na cidade do Rio de Janeiro – mais precisamente, de músicos que passam pela escola superior de música. A abordagem etnográfica do tema, que remete ao pioneiro estudo sobre músicos da noite em Chicago, de Howard S. Becker, extrai do caso particular correlações entre música, identidade, espaço urbano. Conforme mostra o autor, a elaboração de uma identidade estilístico-musical, que pode ser estratégica no processo de profissionalização, reforça e é reforçada pelas representações da nova velha Lapa, um bairro carioca revitalizado: a idéia de ‘antiquário moderno’, eixo da reordenação política e moral do lugar, é o cerne também da linguagem musical do grupo, que atualiza repertório, *performance* e contexto de recepção da gafieira.

Acompanhar músicos populares em seus locais de atuação foi também crucial na pesquisa de campo de Louise Meintjes sobre a construção social e musical de uma etnicidade zulu, mobilizada como fundamento da nação sul-africana. O foco está nas interações entre produtores e músicos, engajados na produção de um disco do gênero *pop* denominado *mbaqanga*. Ao tratar ‘africanidade’ e ‘zuluidade’ como fatos sociais, a autora segue a tendência contemporânea de revelar a condição cultural das identidades (étnicas, nacionais, de gênero etc.).

Tal desnaturalização tem sido aprofundada nos estudos de música, que revelam os recursos sonoros por meio dos quais representações se tornam objetos sensíveis. A música opera, sistematicamente, como diacrítico na política das identidades: por seu intermédio, definem-se pertenças, constituem-se e opõem-se grupos sociais. As interações verbais no estúdio sul-africano mostram, no nível micropolítico, que os significados, efeitos persuasivos e poder afetivo da música são objeto de negociações, portanto variam ao longo do tempo e nos seus deslocamentos no espaço social. O gênero que havia representado a música urbana e moderna, nos anos 1960, foi convocado a sinalizar uma sensibilidade zulu, nos anos 1980. A zuluidade é suficientemente ambígua para operar de modo diverso no contexto político e na constituição das identidades pessoais dos músicos.

Além dessas explorações identificadas com a etnografia da música, o volume traz ainda o texto integral da conferência ‘Seria o timbre um parâmetro secundário?’, proferida por Jean-Jacques Nattiez no Programa de Pós-graduação em Música, em maio de 2005. Em sua reavaliação das teorizações acerca do timbre, considerado um parâmetro não-sintático por Leonard Meyer, Nattiez procede indagando a noção mesma de sintaxe que subjaz à argumentação daquele musicólogo. A partir de uma definição alargada de sintaxe e de exemplos oriundos de diversas tradições musicais, Nattiez mostra como o sonho dos compositores contemporâneos que desejam dar *status* de parâmetro primário ao timbre é menos utópico do que parece. Nattiez ressalva, entretanto, que há diferença entre uma tradição cultural – como a dos jogos vocais dos Inuit – e o voluntarismo consciente de projetos composicionais.

Por fim, Ângelo Nonato Natale Cardoso resenha *Responde a roda outra vez*, álbum com dois CDs de música tradicional de Pernambuco e da Paraíba, realizado pelo Núcleo de Etnomusicologia (Universidade Federal de Pernambuco), Laboratório de Estudos da Oralidade (Universidade Federal da Paraíba) e Associação Respeita Januário.

Para a realização deste volume, tive a satisfação de contar com a colaboração de Mariana de Oliveira Lima, que ajudou na preparação dos originais, de Cláudia Souza Nunes Azevedo, que traduziu o artigo de Louise Mentjes, e de José Alberto Salgado e Silva que, além de autor de um dos artigos aqui publicados, é tradutor do ensaio de Steven Feld e co-organizador deste número de *Debates*.

Elizabeth Travassos